

A CAPA DO LITORAL

Na varanda baixa da casa de palha, entre remos encostados e redes a secar, a benzedeira esticou sobre a luz da manhã um véu de água já quase seco. O parto fora de madrugada, com as marolas ainda conversando baixinho na areia, e o menino nascera com o rosto coberto por aquela película fina — pele de mar que driblou a tesoura e chegou inteira às mãos da velha. “É capa de sorte”, disse alguém, e ninguém discordou: no litoral, a prudência sabe que antes de qualquer estatística há a gramática das marés.

A notícia correu pela vila mais rápido do que o vento de terra que incha os panos no amanhecer. Na bica d’água, as mulheres falavam em afogados salvos por um retalho desse tecido que já foi oceano doméstico. No trapiche, os pescadores lembravam histórias de um amigo de um amigo que guardava a película num saquinho de pano, entre um nó de Santa Maria e um anzol polido. Não se tratava de tolice: era, à sua maneira, um método. As coisas do mar pedem método — ainda que o método se pareça com poesia.

A benzedeira envolveu a película num lenço alvo passado a ferro, como se devolvesse ao objeto a dignidade de uma mortalha ao contrário. “Quem carregar isso, escapa da água brava”, declarou, e a sentença ficou pairando no ar com o peso leve dos provérbios. Havia na sua voz um saber antigo: o de que a primeira respiração de um corpo pode guardar uma memória aquática, uma espécie de diplomação em sobrevivência. O bebê que aprende a nascer debaixo de um véu de mar tem o rosto preparado para encarar banzeiro e ressaca, dizia-se. E quem não deseja, no costado dos dias, uma garantia contra o improvisado da corrente?

À tarde, quando o sol já inclinava um dourado oblíquo sobre as telhas, vieram negociar. O primeiro foi seu Zé Pequeno, peixeiro de mão ágil, chapéu de palha gasto e olhos cheios de histórias. Não veio com dinheiro. Trouxe sardinhas reluzentes, um rolo de cabo novo, uma boia. “A gente não compra promessa com cifra”, explicou, “a gente troca por coisas que ajudam a promessa a cumprir o que promete”. E todos assentiram: amuleto tem parentesco com ferramenta; um precisa do outro para que a travessia dê certo.

Enquanto os homens conversavam, um menino encostado no batente fazia planos silenciosos. Sonhava com uma jangada cujo nome pintaria de azul: “Santa Ventania”. Imaginava o desenho de uma vela que, vista de longe, lembrasse a asa de uma ave. E pensava na película como quem pensa num mapa: aquilo era menos objeto e mais rota — um rumor de caminho onde o medo pudesse aprender a andar.

De noite, quando a lua estendeu no mar uma estrada de prata torta, o padre passou por ali, cumpriu a cortesia de quem vigia a fronteira entre fé e costume, e não desautorizou nada. Fez uma prece breve, benzeu a casa, comentou qualquer coisa sobre “os sinais que Deus permite” e seguiu. Um pouco adiante, no barranco da praia, escutava-se também um cântico manso de oferenda à Rainha do Mar; flores em gamelas, colares claros, o desejo partilhado de retorno sem sobressaltos. O litoral é diplomata antigo: sabe juntar rezas com maré, sinos com búzios.

No dia seguinte, a película já tinha dono: ficou com a filha da benzedeira, que persegue o costado das embarcações com lâmina e breu para vedar fendas. Não por egoísmo, mas por intuição: “Quem cuida do casco cuida dos que voltam”, disse. Partiu então o pacto secreto que sustenta aldeias à beira d’água — a ideia de que um talismã não é propriedade, é encargo. Em noites de temporal, quando o vento muda de humor e as ondas rasgam o caderno de regras, a película saía do lenço e passava de mão em mão, encostando um segundo no peito de cada um que rumaria ao escuro. Não se acreditava na física do milagre, mas na ética do gesto: um segmento de água antiga lembrando aos vivos que eles pertencem.

Em certa tarde de ressaca, três jangadas demoraram além do combinado. A vila, como faz a sabedoria, evitou o alarde e pôs-se ao serviço do tempo: panela no fogo, olhos no horizonte, silêncio no coração. O vento trouxe primeiro uma madeira solta, depois um sombreado de pano, por fim o corte delicado de uma vela inteira. Chegaram. Um deles trouxe, no bolso da camisa, um pedacinho da película envolto em gaze. “Pra quê?”, quis saber o menino do batente, já crescido alguns centímetros de espera. “Pra eu me lembrar de respirar devagar”, respondeu o homem, sorrindo com a boca rachada de sal.

Eis o segredo: a película não opera milagres — educa o fôlego. Ensina a demorar um segundo antes do pânico, a reconhecer o ritmo de quem já esteve mergulhado e soube sair. Amuletos bons não prometem impossíveis; regulam o medo, como quem regula a vela à direção do vento. Por isso envelhecem bem: mesmo quando a ciência lhes retira o passaporte do sobrenatural, conservam utilidade discreta. São ferramentas de alma.

Anos depois, o menino tornou-se o proprietário da “Santa Ventania”. Ainda guardava, na caixa de primeiros socorros, um fio translúcido do tal véu. Não mostrava a ninguém — e não por segredo, mas por pudor. Aprendera que certas proteções funcionam melhor quando não viram espetáculo. Em dias de calmaria, esquecia-se dele. Em madrugadas de água pesada, tocava o embrulho como quem toca um aviso. E o aviso era simples: “olha ao redor, confere os nós, revisa a rota, confia na tua gente”.

Quando penso nisso — e o cheiro de maresia sobe pela memória como quem abre uma janela —, entendo que toda comunidade costura as suas próprias capas. Há

quem as faça de tecido mesmo; outros, de rezas, de procedimentos, de amizade. A película do recém-nascido é só a primeira metáfora. Depois dela, vêm muitas: o hábito de emprestar o que salva, a obstinação de aprender o nome dos ventos, a disciplina de manter a rede sem buraco, a solidariedade de ficar aceso no farol humano até o último barco encostar. São todas formas de dizer ao mar, e à vida: “estamos equipados”.

No fim das contas, a vila que guarda um pedaço de água antiga não é supersticiosa — é sábia. Sabe que o mundo é mais largo do que o nosso fôlego e que, por isso mesmo, convém cultivarmos lembranças que nos ensinem a respirar. Se alguém, em terra firme, achar curioso, que venha passar uma noite olhando o negro compacto se mexer. Vai entender por que certas peles — ainda que invisíveis — nos salvam.